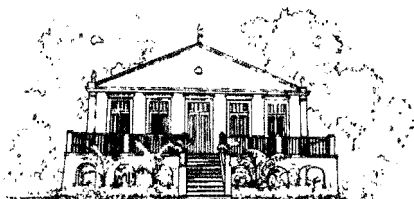


PR/SCT/CNPq  
MUSEU PARAENSE EMÍLIO GOELDI  
COLEÇÃO ALEXANDRE RODRIGUES FERREIRA

TALENTO E ATITUDE:  
Estudos Biográficos do Museu  
Emílio Goeldi, I.

Oswaldo Rodrigues da Cunha

Belém – Pará  
Outubro 1989



PR/SCT/CNPq

**MUSEU PARAENSE EMÍLIO GOELDI**

**PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA**

Presidente: José Sarney

**SECRETARIA ESPECIAL DA CIÊNCIA E TECNOLOGIA**

Secretário: Décio Leal de Zagottis

**CONSELHO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO  
CIENTÍFICO E TECNOLÓGICO**

Presidente: Crodowaldo Pavan

Vice-Presidente: José Duarte de Araújo

**MUSEU PARAENSE EMÍLIO GOELDI**

Diretor: Guilherme M. de La Penha

Vice-Diretor de Pesquisas: José Guilherme Soares Maia

Vice-Diretor Executivo: Celso Martins Pinto

**COMISSÃO DE EDITORAÇÃO**

Presidente: Guilherme M. de La Penha

Vice-Presidente: Adélia E. de O. Rodrigues

Apoio Editorial: Lais Zumero, Graça Overal e Lairson Costa

Cunha, Osvaldo Rodrigues da.

Talento e atitude: Estudos Biográficos do Museu Emílio Goeldi, I/Osvaldo Rodrigues da Cunha. - Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 1989.

160 p.: il. - (Coleção Alexandre Rodrigues Ferreira)

ISBN: 85-7098-031-2

1. PESQUISADORES-Biografia. 2. MUSEU PARAENSE EMÍLIO GOELDI-Pesquisadores. I. Título.

CDD: 925

CDU: 929

© Direitos de cópia/Copyright 1989  
por/by PR/SCT/CNPq Museu Goeldi

## Agradecimentos

Em singelas palavras o autor faz questão de agradecer em princípio a atenção e o empenho que o diretor do Museu, Dr. Guilherme M. de La Penha, vem manifestando com grande interesse às pesquisas científicas específicas da instituição e aos respectivos estudos históricos, restaurando alguma parcela do passado e publicando trabalhos neste campo, a fim de que a memória de homens e

eventos não venha a desvanecer-se definitivamente. Agradecemos também a Lais Zumero, da Comissão de Editoração do Museu, pela revisão cuidadosa e paciente da parte literária e pelo veemente interesse que vêm demonstrando para que o presente trabalho fosse o quanto antes publicado e também por outros em vias de o serem.

## Sumário

Apresentação . . . . .	12
Prefácio . . . . .	14
Domingos Soares Ferreira Penna (1818-1880) . . . . .	20
Francisco da Silva Castro (1815-1899) . . . . .	48
Edgar Leopold Layard (1824-1900) . . . . .	54
Joaquim Pedro Correa de Freitas (1829-1888) . . . . .	59
José Ferreira Cantão (1827-1893) . . . . .	62
José Coelho da Gama e Abreu (1831-1906) . . . . .	65
Charles Frederick Hartt (1840-1878) . . . . .	69
Aureliano Pinto de Lima Guedes (1848-1912) . . . . .	77
Herbert Huntington Smith (1851-1919) . . . . .	80
Maria Elizabeth Emflia Sneathlage (1868-1929) . . . . .	83
Carlos Estêvão de Oliveira (1880-1946) . . . . .	103
Rodolpho de Siqueira Rodrigues (1884-1957) . . . . .	122
Paul Vincent Ledoux (1898-1984) . . . . .	138
Walter Alberto Egler (1924-1961) . . . . .	150

# Apresentação

Sonhar e observar, defender-se e buscar sobreviver, ensinar e educar, comunicar e informar, organizar e gerar conhecimentos são todas as ações e atitudes que se mesclam nos perfis da mulher e dos homens que o Pesquisador *Oswaldo Cunha* traça neste trabalho.

Toda nova geração adota novos padrões, novos líderes, novas crenças, novos mitos e enquanto fazem isso com entusiasmo acumulam, sem saber, experiência para vir a valorizar - ao chegar a fase de ceder sua vez - o trabalho daqueles que a antecederam. Infelizmente sempre se chega tarde à real história da ciência, mas felizmente nunca o suficientemente tarde para que dela não se possam tirar lições.

O *Museu Goeldi* atual é fruto das contribuições de dezenas de homens ao longo de doze décadas. *Oswaldo Cunha*, cientista respeitado, autodidata admirável, na madureza de sua carreira se dispõe a levar a cabo o projeto de buscar retratar as parcelas maiores na construção do todo hoje existente. Ele o faz não com o instrumental do historiador profissional, mas com o viés de um autor com experiência análoga a de seus retratados: a disciplina do trabalho científico, o cansaço da liça

pelo reconhecimento que nunca chega em vida, o treino no debate constante da ciência por sobreviver no ambiente hostil amazônico e brasileiro.

Dos sonhos e decepções do fundador *Ferreira Penna* à realidade e fatalidade de *Walter Egler*, *Oswaldo Cunha*, nesta primeira série, traça um perfil temporal de uma instituição ainda em continuada construção, sob a ameaça da adversa realidade sócio-econômica nacional.

*Oswaldo Cunha* orgulha duplamente o *Museu Goeldi*. De um lado por sua contínua e diversificada produção, desde a juventude, e que passa por quase todas as disciplinas de que se ocupa este *Museu*; de outro, por documentar a tradição de uma instituição que sempre buscou manter seu ideal filomático graças ao esforço, trabalho, zelo e competência daqueles aos quais nunca foi dada a oportunidade de decidir sobre os rumos da Amazônia; só o de trilhar suas sendas, desvendar parte de seus segredos, sonhar em seus mistérios e lamentar sua destruição.

6 de Outubro de 1989

Guilherme M. de La Penha  
Diretor Geral  
MPEG/CNPq/SCT

## Prefácio

A história de um povo, de uma nação, de uma instituição científica, artística e cultural é feita por homens e mulheres. O homem fez a História e a História fez o homem. A História não é poesia e nem romance, cuja descrição fica exposta ao sabor das idéias e maquinações de um autor inventivo e prolífico. A História é uma atividade científica que nos dá a conhecer o passado da humanidade, a vida de uma pessoa em particular e a sua manifestação na ciência, na arte, na música, na religião e na filosofia.

“Evidentemente, o conhecimento histórico é um conhecimento científico, ainda que sua exposição seja ao mesmo tempo uma arte”. Assim se expressou o historiógrafo espanhol Luiz Pericot Garcia (“El Estudio de La História” em *Enciclopedia Labor*, 1958 (5):XXI-XL), abordando o estudo do passado.

É certo que não podemos compreender o presente sem conhecermos o passado. Este conceito é atribuído a Alexis de Tocqueville (1805-1859), célebre magistrado e pensador francês. O caminho mais equilibrado para compreendermos os acontecimentos históricos, os en-

tendidos afirmam, é conhecendo e estudando a vida das pessoas que mais influenciaram o desenvolvimento dos acontecimentos. Por isso, a biografia bem elaborada e coordenada com imparcialidade e analisada através das fontes documentais confiáveis, reconstitui uma época e tudo o que as personagens mais salientes daquele cenário contribuíram para o progresso ou retrocesso da sociedade humana.

Os estudos biográficos no Brasil, aliás tema de suma importância para o nosso país, jamais tomaram delineamentos científicos e históricos com encadeamento. Ocorrem apenas trabalhos esparsos, incompletos e sem precisão no tempo e no espaço, salvo algumas exceções no século passado como a antiga obra de Augusto Sacramento Blake (1827-1903), o *Diccionario Bibliographico Brasileiro*, publicado em 7 volumes entre 1883 e 1902. No atual século apareceram alguns pequenos e grandes dicionários e enciclopédias com biografias-miniaturas de literatos, políticos, militares, artistas, médicos e profissões outras, além de tratarem de termos gerais de cunho interna-

cional e brasileiro.

A história da pesquisa científica no Brasil e seus cientistas sempre foi relegada a plano medíocre e parcial. O primeiro trabalho importante sobre a história da ciência no Brasil foi publicado por uma equipe de pesquisadores, com certeza livro pioneiro, *As Ciências no Brasil*, organizado por Fernando de Azevedo e editado pelas Edições Melhoramentos, em dois volumes (S. Paulo, 1955), entretanto muito defeituoso e parcial no que diz respeito à Amazônia, suas instituições científicas e seus cientistas no passado, até a época da publicação do livro.

Mais recentemente foi publicada a *História das Ciências no Brasil*, coordenado por Mário G. Ferri, já falecido, e Shozo Motoyama. É obra em três volumes, patrocinada pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq e Editoras Pedagógica e Universitária Ltda. (São Paulo, 1979/1981), com colaboração da Universidade de S. Paulo. Com uma versão mais ampla e atualizada sobre o desenvolvimento da Ciência no Brasil que a anterior, pelo conjunto de matérias abordadas, este trabalho, no entanto, deixa ficar muita coisa por informar e é, às vezes, incompleta e discordante. Pouco ou quase nada se refere à Ciência e cientistas na Amazônia. Sempre o mesmo defeito e mesma metodologia adotada: uma parte do Brasil, desgraçadamente, não conhece a maior porção do País, que é a Amazônia. Sofrem nesse caso principalmente a Zoologia, Botânica, Antropologia, História, Medicina, e disciplinas afins.

No Pará, até quase os dias atuais, a história científica e a biografia de cientistas têm sido uma lás-

tima e uma indigência de memória pelo passado que mais parece uma terra sem história e sem existência, apenas mostrando a indiferença e o atraso em que o Estado tem vivido. É mais uma vergonha que um castigo. No século passado e no atual, quase nada se escreveu sobre este importante tema, muito pouco e esse mesmo fica desejar.

O Museu Paraense Emílio Goeldi, a mais antiga instituição científica da Amazônia e uma das primeiras no Brasil, tem uma longa história de 123 anos e, no entanto, até 25 anos atrás, pouco ou nada existia escrito sobre ele. Dos cientistas que aqui trabalharam ou outros que emprestaram sua contribuição de alguma forma, nada se conhecia – a não ser algumas notas discrepantes e geralmente incorretas nas datas e na especialidade, apenas tratando de Emílio A. Goeldi e Jacques Huber.

Em 1938 o Diretor Carlos Estêvão de Oliveira publicou um “Resumo Histórico do Museu Paraense Emílio Goeldi”, inserto na *Revista do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional do Rio de Janeiro* (volume 2, páginas 7 a 19). Este trabalho tinha sido o melhor então realizado, infelizmente incompleto, cheio de lacunas e erros, que no final não informou e nem esclareceu questões que ficaram no vácuo. Carlos Estêvão, como Diretor do Museu, tinha condições para pesquisar mais profundo e redigir melhor, mas não o fez. Entretanto, uma contribuição mais correta e documentada foi apresentada por Hélio F. Camargo, antigo pesquisador do Departamento de Zoologia de São Paulo, hoje Museu de Zoologia da Universidade desse Estado (USP), com o título: “Pequena contribuição ao estudo da

História do Museu Paraense Emílio Goeldi” (*Ciência e Cultura*, 1951, volume 3, nº 1, páginas 61 a 68). O trabalho aborda aspectos da vida de Emílio Goeldi, Godofredo Hagemann, Jacques Huber e Emília Snethlage.

Finalmente, o centenário do Museu Paraense estava aproximando-se em 1966 e até então nada se sabia sobre os instantes de sua criação e nem sequer se conhecia o nome das pessoas que concorreram para esse memorável evento, exceto o de Domingos Ferreira Penna. Em vista disso, o autor do presente trabalho empreendeu no início dos anos 60 uma paciente pesquisa nos documentos dispersos aqui, ali e acolá em arquivos e bibliotecas, que tratassem ou informassem qualquer coisa sobre o Museu em geral e sobre as pessoas que nele trabalharam ou para ele emprestaram a sua prestimosa colaboração. Em 1966 uma *sumária*, correta e bem intencionada história do Museu Paraense Emílio Goeldi já estava elaborada e publicada no jornal “A Província do Pará”. Daí aos dias presentes, procuramos sempre ampliar o leque da pesquisa histórica desta instituição, acrescentando informações e esclarecendo períodos obscuros e descobrindo dados particulares com minúcias elucidativas e veracidade cristalina.

No decorrer das pesquisas sobre o passado do Museu, passamos a buscar informes exatos, tanto quanto possíveis, acerca das pessoas envolvidas no processo de desenvolvimento da instituição desde suas origens. Em si, a parcela mais difícil, exaustiva e demorada da história do Museu, porque as pessoas de origem estrangeira que nele trabalharam ou para ele contribuíram, tiveram de certa forma notas de óbito à época do faleci-

mento em revistas alemãs, inglesas, norte-americanas e outras, nem sempre acessíveis no Pará. Quanto aos brasileiros, também existia certa dificuldade, em vista das informações sobre estas pessoas que às vezes não eram encontradas, outras apareciam apenas em notas do dia do falecimento publicadas em jornais de Belém no século passado ou no atual. Algumas pequenas biografias de certas pessoas mais importantes encontram-se em livros, dicionários, enciclopédias ou determinadas revistas científicas, culturais e de caráter geral. A maioria dessas biografias são incompletas, discordantes em datas e eventos e nem sempre ligaram o indivíduo ao convívio do Museu Paraense.

Nos últimos vinte anos o Dr. Ricardo Borges (1886-1975), nascido na Bahia, advogado, economista e conhecedor dos problemas da Amazônia, onde viveu 66 anos no Pará, ficou chocado pela deficiência de biografias das personagens relevantes à história do Estado. Foi induzido então a escrever sobre a vida dos homens que fizeram essa história. Um trabalho abnegado o do Dr. Ricardo Borges, que resultou na publicação do livro *Vultos Notáveis do Pará*, editado em 1970 pelo Conselho Estadual de Cultura do Pará e republicado em segunda e ampliada edição em 1986 pelo Centro de Estudos Jurídicos do Pará (CEJUP), em comemoração do seu centenário. Sem dúvida, é o melhor livro de biografias que se publicou no Pará, não tanto pelo número de biografados, como pelas informações históricas de diversas épocas nelas contidas. Entretanto, está longe de ser completa. Além de conter incorreções, lapsos e grandes lacunas sobre cientistas, na-



turalistas e pesquisadores em geral, sejam paraenses ou estrangeiros, a obra de Ricardo Borges não preenche o vácuo da história da ciência no Pará e nem relembra aqueles sábios que aqui lutaram contra a ignorância, pois aí se encontram menos de dez nomes, assim mesmo com notas sumárias e algumas incorreções de datas.

Por fim, para não fazermos injustiças, referiremos o esforço realizado pela Universidade Federal do Pará (UFPA) em promover o "Simpósio sobre a História da Ciência e da Tecnologia no Pará", nos dias de 17 a 21 de junho de 1985 no qual foram abordadas as instituições, a UFPA e temas científicos por vários professores e pesquisadores. O Museu Paraense foi representado pelo ex-Diretor, Dr. José Seixas Lourenço, o qual apresentou um sumário histórico e as suas linhas de atividades até então. Os trabalhos foram publicados pela UFPA em 1985, em dois volumes, com o título *Anais do Simpósio sobre a História da Ciência e da Tecnologia*. As anotações de José Seixas Lourenço se encontram no segundo volume, nas páginas 447 a 460. Também inserimos aqui o recente trabalho "Médicos de outrora no Pará", do Dr. Clóvis Meira, médico e professor universitário, publicado em Belém em 1986 com 479 páginas.

As biografias que apresentamos aqui são o resultado de nossas pesquisas durante os últimos trinta anos, algumas foram publicadas em jornais, revistas e livros em Belém e o restante inédito. Foram elaboradas em épocas diversas de modo que tiveram de passar por rigorosa revisão de texto e atualizadas. Este trabalho engloba quatorze estudos biográficos,

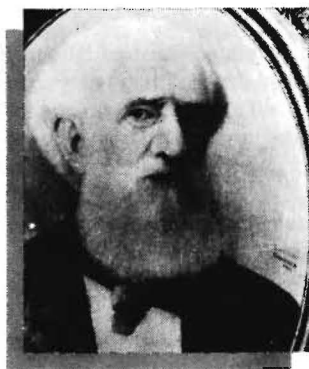
dos quais alguns mereceram uma atenção especial e, portanto, contêm um aprofundamento de informações mais minuciosas de acordo com a contribuição e a maior representatividade que a pessoa em questão teve no desenvolvimento do Museu Paraense Emílio Goeldi, na pesquisa científica ou no aspecto administrativo. Esse conceito vale também em relação ao Pará e extensivamente ao Brasil.

No conjunto geral, já temos uma lista de algumas 70 pessoas, na qual se incluem as quatorze agora apresentadas, que em nossa opinião merecem ser biografadas, em maior ou menor amplitude, conforme a sua importância e contribuição que deram nos termos acima referidos. O presente livro faz parte de uma série de biografias, que deverão ser publicadas em futuro próximo, e desde já podemos dizer que o segundo volume poderá ser redigido pelo autor. Daí para diante, outros pesquisadores, habilitados e com a necessária paciência, poderão completar as biografias e outras que por ventura venham a aparecer no futuro. A nossa tarefa tão cheia de dificuldades foi iniciada e cumprida, não no todo como sempre desejamos, mas parcialmente. Resta muito ainda por fazer, principalmente no que diz respeito à história geral do Museu Paraense e para tanto já redigimos históricos sobre a Zoologia, Geociências, Biblioteca, Parque Zoo-Botânico e assuntos correlatos. A pesquisa meteorológica foi resgatada no trabalho de Osvaldo Cunha e Therezinha Xavier Bastos em *A Contribuição do Museu Paraense Emílio Goeldi à Meteorologia na Amazônia (Publicações Avulsas do Museu Paraense Emílio Goeldi, nº 23, 86 páginas, 1973)*.

Com essas contribuições tão exatas quanto reais, é nossa esperança que possamos ajudar aos que nada sabem sobre o Museu Paraense a conhecê-lo melhor, a fim de que em dias vindouros ele venha a ser mais decisivamente auxiliado, amparado e preservado como um santuário ina-

lienável e resguardado da inépcia de más pessoas, para que o seu futuro seja tranquilo e a ciência que nele se pratica reverta em benefício às gerações futuras, engrandecendo, assim, o Pará, a Amazônia e o Brasil.

Oswaldo Rodrigues da Cunha



## José Coelho da Gama e Abreu

(1831-1906)

No século passado o Pará produziu homens de grande envergadura moral, cívica e cultural, que brilharam com grande fulgor em todos os ramos de atividade, seja na terra natal, seja em outras plagas. Nessa constelação de celebridades paraenses, além dos que já foram referidos nesta série biográfica, sobressai brilhantemente o nome do Barão de Marajó, José Coelho da Gama e Abreu.

Uma biografia completa deste homem ainda não foi feita, tal como acontece com muitos outros. E aqui neste espaço, é nossa obrigação referir algumas notas sobre a personalidade do Dr. Gama e Abreu, pois além das posições de destaque que assumiu na Administração da antiga Província do Pará, ele foi um dos ativos Diretores do Museu Paraense e sincero amigo e admirador de Ferreira Penna.

O Dr. Gama e Abreu nasceu em Belém a 12 de abril de 1831. Seu pai, José Coelho de Abreu, era antigo oficial da Marinha de Portugal, que se passou depois para o Exército. Sua mãe era Anastácia Michaela da Gama e Abreu. Com a deflagração

da Cabanagem, em 1836, e ainda criança, embarcou para Lisboa em companhia dos pais; fez ali os estudos primários e secundários com distinção. Depois matriculou-se na Universidade de Coimbra onde se bacharelou em Filosofia no dia 30 de maio de 1853, e conquistou o grau de bacharel em Ciências Matemáticas a 20 de junho de 1854.

Como não lhe restava mais nada a fazer em Portugal, o Dr. Gama e Abreu regressou a Belém, iniciando a sua vida profissional como Diretor de Obras Públicas. Nesta fase teve oportunidade de empreender obras de vulto, dentre as quais se salienta o Teatro de N.S. da Paz, iniciado em 1869. Em 1863, como Diretor das Obras Públicas, na proveitosa administração do notável Presidente da Província Dr. Francisco de Araújo Brusque, o Dr. Gama e Abreu teve oportunidade de criar um dos mais notáveis Hortos Botânicos de Belém, que ficou conhecido como "Jardim Público", um dos precursores, dentre os diversos implantados em Belém desde o final do século XVIII e primeira metade da centúria passada, do

atual parque botânico do Museu Emílio Goeldi. Lastimavelmente, esta útil organização se arruinou pela incuria dos governos e em 1880 o Jardim só era mato inculto. Interessado na política local, o Dr. Gama e Abreu filiou-se ao Partido Liberal, chefiado pelo Dr. José da Gama Malcher. Foi eleito deputado à Assembléa Provincial, onde ficou até 1867, pois, no ano seguinte, teve assento na Câmara de Deputados no Rio de Janeiro. Entretanto, dissolvida esta Câmara em consequência da queda do Gabinete Zacarias, pela incompatibilidade deste com o Marquês de Caxias e o Imperador, o Dr. Gama e Abreu retornou a Belém, assumindo a Diretoria de Obras Públicas. No ano de 1868, foi nomeado, por Carta Imperial, Presidente da Província do Amazonas, tendo nessa ocasião convidado Ferreira Penna para ser Secretário de seu Governo. Com o convite aceito, ambos partiram para aquela Província em dezembro e em Manaus permaneceu até quase o fim de 1869, administrando o Amazonas com superior critério e indiscutível honradez.

Foi também Presidente da Província do Pará por nomeação do Imperador, tendo assumido a função em 7 de abril de 1879, nela permaneceu até 29 de março de 1881, sob o mais caloroso regozijo da população. Foi logo após ter deixado o Governo que o Imperador Pedro II o agraciou com o título de Barão de Marajó em 1881.

Pela cultura que possuía e grande discernimento para a administração, o Dr. Gama e Abreu foi em 2 de junho de 1881 nomeado, pelo Presidente da Província, Diretor do Museu Paraense, em vista do súbito afastamento do Dr. Pedro Cor-

rêa de Freitas. Uma grande faceta dos homens de então, indivíduos de tamanha têmpera, era o caráter nobre, pois não visavam a interesses particulares nem eram cúpidos de poder ou de riquezas. Deu Gama e Abreu um grande exemplo de modestia, descendo do pedestal de Presidente da Província para ser Diretor do Museu Paraense.

Na administração do Museu, o Dr. Gama e Abreu procurou levantar a situação de abandono em que o mesmo se encontrava por culpa exclusiva dos Deputados Provinciais, que lhe negavam os recursos necessários ao desenvolvimento.

O Dr. Gama e Abreu era muito culto e progressista. Com a queda da Monarquia e a instauração da República, ele se filiou ao Partido Republicano, sendo eleito Intendente (Prefeito) de Belém em 1891, cargo que exerceu até 1893, deixando como sempre, de sua passagem no governo da Comuna, inapagáveis traços de seu patriotismo e de seu alto tino administrativo. Nesse mesmo ano, seguiu para os Estados Unidos como membro da Comissão Brasileira na Exposição de Chicago, onde representou o Pará como Presidente da Comissão deste Estado.

Com os trabalhos levados a efeito para que o Pará fosse bem representado, sob a orientação do Dr. Gama e Abreu, na Exposição para a qual, o Museu colaborou, obtendo ótimos resultados, surgiu no Barão a idéa de reestruturar totalmente o Museu Paraense, com base mais científica. Sabe-se que sua influência junto ao Governador Lauro Sodré foi de grande importância e muito deve ter contribuído para que, logo depois, a idéa se concretizasse, com

a vinda de Emílio Goeldi em junho de 1894.

O Partido Republicano do Pará, tendo em conta os serviços de grande vulto prestados pelo Barão de Marajó, elegeu-o em duas legislaturas sucessivas Senador estadual, ocupando o cargo de Vice-Presidente do Senado.

Ainda no tempo do Império, o Dr. Gama e Abreu foi lente de Matemática no Liceu Paraense. Foi também Tenente Coronel da Guarda Nacional, membro da Sociedade de Geografia de Lisboa e Comendador da Ordem de Cristo, pelo Brasil, e de Nossa Senhora de Vila Viçosa, por Portugal.

O Dr. José da Gama e Abreu foi casado com D. Maria Pombo Bricio, que faleceu em 1867. O Barão ficou viúvo até a morte. Deste consórcio nasceram cinco filhos, dois homens e três mulheres que enobreceram a família, dos quais se salientou o Dr. Jaime Bricio da Gama e Abreu, grande personalidade no início deste século e que depois foi muito amigo do Dr. Jacques Huber, na época em que este foi Diretor do Museu Goeldi, em 1907. Atualmente ainda vivem em Belém descendentes do Barão de Marajó.

Além de ter sido consumado político e fino diplomata, o Dr. Gama e Abreu foi um destacado estudioso da Geografia Universal e em especial da Amazônia. Em várias ocasiões defendeu intransigentemente os interesses do Pará, em particular, e os da Amazônia, em geral, por meio de artigos publicados nos jornais de Belém e em livros. Dentre os muitos escritos salientou-se aquele veemente e irado protesto contra as pretensões imperialistas da França para ocupar a antiga Guiana Brasileira, hoje Estado

do Amapá, elaborado em 1884. Chegou, também, a fazer alguns estudos sobre a Arqueologia e Etnologia da região em pequenos trabalhos e com maior ênfase, no Relatório que redigiu sobre o material paraense apresentado na Exposição de Chicago, publicado em 1894 no Diário Oficial do Estado.

O Dr. Gama e Abreu era um dedicadíssimo amigo e grande admirador de Portugal, e, por isso, de tempos em tempos, ele passava algumas temporadas em Lisboa. Conhecia toda a Europa, além da Turquia e Egito. Em princípio de 1900, sentindo-se adoentado, foi residir em Lisboa, onde veio a falecer em 25 de novembro de 1906, com 75 anos de idade. Foi sepultado no Cemitério dos Prazeres, naquela capital em jazigo da família.

#### **Algumas obras do Barão de Marajó sobre a Amazônia.**

1879. Falla com que o Sr. Doutor Jose Coelho da Gama e Abreu, Presidente da Provincia abriu a Assembleia Legislativa da Provincia do Para em 16 de junho de 1879. Para. 19 p. (anexos).
1880. Relatorio apresentado pelo Senhor Doutor Jose Coelho da Gama e Abreu, Presidente da Provincia do Para, á Assembleia Legislativa do Para em 15 de fevereiro de 1880. Para. 22 p.
1881. Relatorio apresentado á Assembleia Legislativa em 15 de fevereiro de 1881 pelo Senhor Dr. Jose Coelho da Gama e Abreu. Para. 140 p. (anexos).
1883. Amazonia - As Provincias do

- Para e Amazonas e o Governo Central do Brazil. Lisboa. 123 p.
1884. Um protesto. Respostas as pretensões da França a uma parte do Amazonas, manifestadas por Mr. Delocle. Lisboa, 45 p.
1892. O Estado do Para. Apontamentos para a Exposição Universal de Chicago. Belem, 115 p. (Apenas alguns temas são escritos pelo Barão de Marajó).
1894. Relatório das ocorrências da Exposição de Chicago. Diário Oficial do Estado de 11 de janeiro. Belem.
1895. As regiões, Amazonicos estudos chorographicos dos Estados do Gram Para e Amazonas. Lisboa, 404 p., il.
1898. Discurso por ocasião da instalação da Sociedade Zeladora do Museu Paraense, em 6 de novembro de 1896. *Bol. Mus. Para. Hist. Nat. Ethnogr.* 2: 114-120.

### Fontes de Consulta

1906. BARÃO DO MARAJÓ. Obito. *Jornal Folha do Norte*, 26 nov.
- 1860-1889. Falas e Relatorios dos Presidentes da Provincia do Para.
- 1858-1923. SILVA, I.F. da. Diccionario bibliographico portuguez. Lisboa, Imprensa Nacional. v. 12, p. 281.
- 1883-1902. BLAKE. A.V.S. Diccionario bibliographico brasileiro. Rio de Janeiro, Tipographia Nacional; Imprensa Nacional. v. 4. p. 386.
1970. BORGES, R. *Vultos notáveis do Pará*. Belém, Conselho Estadual de Cultura. 478 p.